

EM BUSCA DE UMA ETNO-GRAFIA NUMA FRONTEIRA URBANA,
COM CRIANÇAS¹

Samy Lansky

Introdução

Este artigo focaliza nos aspectos metodológicos adotados na investigação que resultou na tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo título é *Na cidade, com crianças: uma etno-grafia espacializada*. O objetivo com este estudo foi investigar formas de observar, conhecer e mapear o espaço urbano na perspectiva dos sujeitos. Com base na experiência de projetar “espaços para crianças”, o pesquisador distancia-se de seu ofício como arquiteto e planejador para se aproximar do sujeito por meio de uma etnografia dos “espaços com crianças”.

Ao tratar da temática da criança no espaço público urbano, cabe reiterar que, o contraponto moderno-industrial entre vida pública (relacionada ao homem adulto) e vida privada (relacionada à mulher e à criança) deu origem à separação entre o universo adulto e o infantil (Sennet, 1988 [1974]) e significou o surgimento de uma série de espaços e objetos produzidos especificamente para as crianças, tais como as escolas, creches, parques, museus, etc. Importante assinalar que tal contraponto não é universal, não é encontrado em outros meios, como apontam diversos estudos sobre os grupos indígenas brasileiros (Cohn, 2005; Silva, 2011).

A criança urbana progressivamente se torna uma das principais vítimas da segregação socioespacial, resultando em casos de confinamento e/ou controle excessivo para alguns grupos e marginalização para outros. No entanto, a percepção da rua como o lugar do desvio, inseguro, inadequado às necessidades das crianças corresponde, muitas vezes, a uma concepção europeia não compartilhada por grupos populares dos países sul-americanos. (Lucchini *apud* Parga, 2004)

Segundo Gulløv e Olwig (2003), a consequência desse processo na produção de espaços urbanos para crianças pode ser caracterizada de duas formas: lugares seguros, sem surpresa, aventura, riscos, em que são impedidas de experimentar a diversidade; ou ruas e espaços públicos vistos como inadequados, perigosos. Para as autoras, as instituições criadas para crianças e as residências se tornam os espaços que reafirmam a infância como recipiente

¹ Pesquisa financiada parcialmente pelo CNPQ e pela CAPES.

da transmissão de valores socioculturais aceitos. Já os espaços públicos urbanos proporcionam maior liberdade de ação e, dessa forma, desenvolvem relações sociais e valores culturais que a sociedade não necessariamente aprecia. São apontados como espaços de oferta de possibilidades para crianças se desenvolverem como atores sociais independentes dos adultos.

Ao considerar o tema da desigualdade, imprimiu-se uma atenção especial às zonas de fronteiras em que as desigualdades se encontram no espaço urbano. O recorte espaciotemporal adotado na investigação é singular: os arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia em Belo Horizonte, localizado entre uma favela e um bairro de classe média alta - uma fronteira urbana.

Atualmente, Belo Horizonte é dividida em nove regionais administrativas, sendo que a Centro-Sul engloba toda a área do Plano Original, alguns bairros “valorizados” (Mangabeiras, Lourdes, Funcionários, São Bento, etc.), o maior aglomerado de favelas do município - o Aglomerado da Serra - e outras duas favelas, o Conjunto Santa Maria e o Aglomerado Santa Lúcia. É, portanto, uma das regionais mais desiguais do município de Belo Horizonte, o que contextualiza a escolha de um espaço público nessa região para a pesquisa: uma região de uma grande cidade onde a diversidade e a desigualdade *sociocultural* e *econômica* são marcantes. Num espaço de fronteira, um parque foi implantado próximo a um batalhão de polícia, uma escola pública, dentre outros equipamentos públicos e privados: o Parque Jornalista Eduardo Couri ou Parque da Barragem Santa Lúcia (FIG. 1).

Nos arredores deste Parque, o contraste social é facilmente perceptível, característica própria dos locais onde a favela faz fronteira com os bairros de classe média nas cidades brasileiras. A fronteira neste estudo é, portanto caracterizada pela linha da desigualdade, visível mediante a observação das formas de morar, de usar os espaços públicos, das distintas maneiras como as pessoas buscavam recursos no local e da visível desigualdade sociocultural dos moradores. Apesar de visível a fronteira apresentava-se muito porosa, onde os usos dos espaços pelos moradores dos bairros e do Morro se cruzavam em ocasiões que foram exploradas nesta investigação.

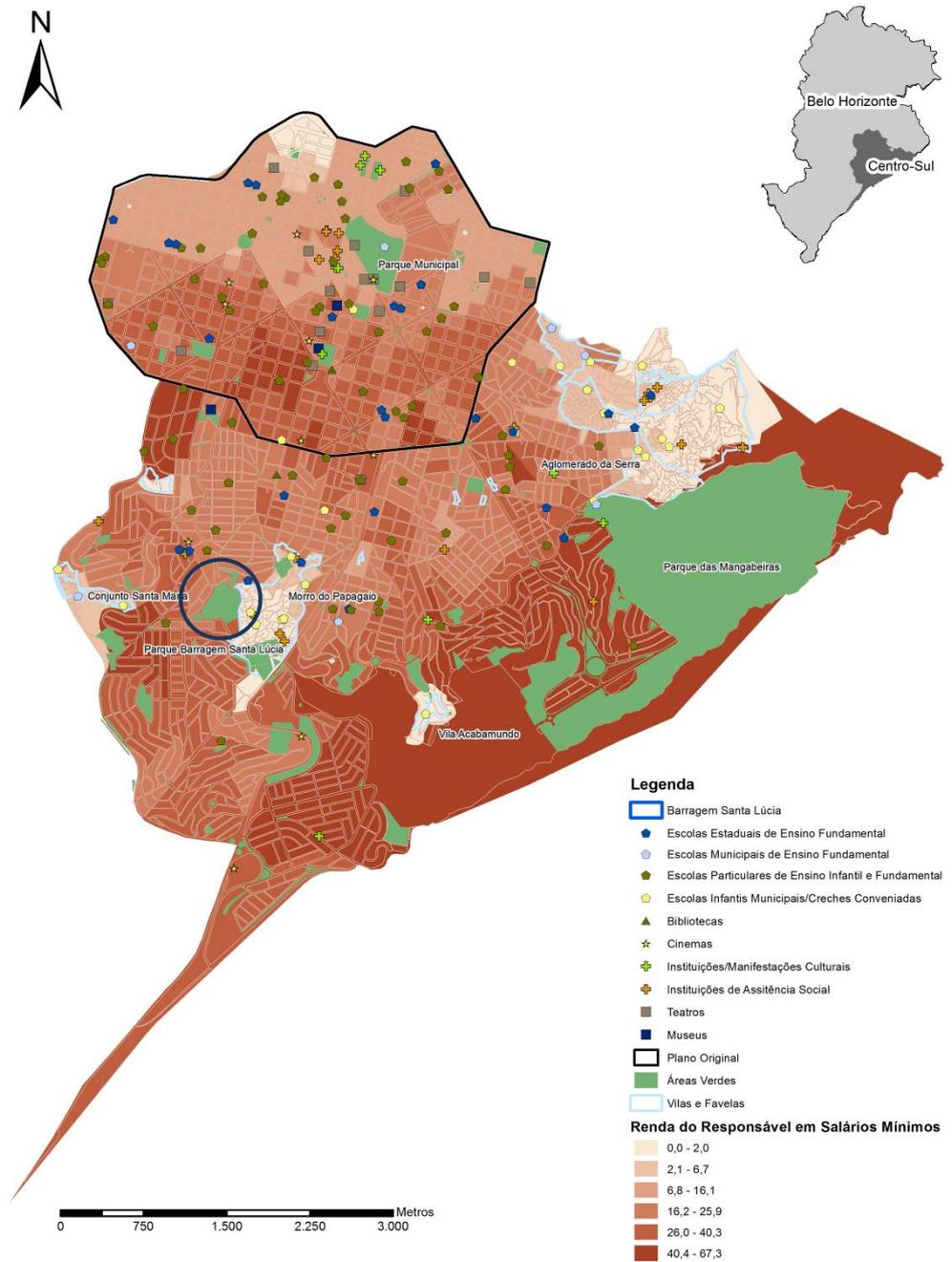


Figura 1 – Regional Centro-Sul de Belo Horizonte.
 Realizada pelo autor com a colaboração de Lauro Fráguas, com base nos dados do Censo 2000.

Aspectos metodológicos

A busca pelos sujeitos na cidade justifica a escolha pela etnografia, já que combina diversos métodos de produção de dados e, principalmente, uma inserção longa e profunda no campo, a observação participante, a interação com os pesquisados e a manutenção de um diário. Desenvolvida e adotada originalmente pelos antropólogos em suas pesquisas sobre povos “primitivos” habitantes de aldeias, a abordagem etnográfica e suas descrições densas são atualmente utilizadas por pesquisadores de diversas disciplinas e em contextos múltiplos, incluindo o urbano. Além disso, é apontada como adequada a dar “voz às crianças e fazê-las participar na produção dos dados sociológicos” (PINTO, 1997, p. 68).

Ao tratar da questão urbana sob um olhar etnográfico

observa-se a ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade (MAGNANI, 2002, p. 14).

Cabe lembrar que ao longo dos tempos a representação espacial tem passado por grandes mudanças. Os primeiros desenhos eram constituídos por poucas informações precisas e continham apenas algumas das ideias do autor. Segundo Ferro (1979), progressivamente, o desenho incorpora técnicas cada vez mais precisas de representação, possibilitando que o autor dos projetos se distancie do canteiro de obras. Segundo o autor, é exatamente isso que passa a caracterizar o ofício do arquiteto: o *distanciamento* do objeto.

A busca por uma *etno-grafia* foi central neste trabalho. Propôs-se realizar outro tipo de leitura, sob um olhar não apenas de um arquiteto-planejador, nem de um etnógrafo que participa do cotidiano com as crianças, mas alternando a perspectiva e os modos de ver as crianças no mundo urbano. A exploração de uma possível *etno-grafia* permitiu progressivamente a construção de um posicionamento singular e exigiu a busca por outras formas de registro de campo. Este conjunto de elementos, de alternância de posicionamento, de perspectiva e de registro gráfico especializado foi denominado neste estudo, *etno-grafia espacializada*.

O mais importante do processo foi ir apurando, construindo esses instrumentos para que essa leitura espacializada fosse possível. Portanto, a produção de instrumentos e de

outra entrada na experiência urbana – num espaço vivido (Lefebvre, 1991[1974]) – que não fosse “colada” ao sujeito e também não fosse vista “de cima”, no nível distanciado do planejamento, foi o eixo central deste trabalho.

Com o uso da expressão “*com* crianças”, procurou-se explicitar a escolha de pensar tal sujeito coletivo na relação com os demais grupos sociais. Conseqüentemente, a expressão *espaços com crianças* alcança recortes para além da concepção de espaços infantis especializados, espaços *de* ou *para* crianças. Independentemente de terem sido concebidos como espaços especializados ou não, buscou-se, durante a investigação, a presença das crianças nos espaços, ou seja, os espaços *com* crianças, que neste estudo englobam: os espaços produzidos por adultos (espaços *para* crianças ou espaços infantis); espaços apropriados pelas crianças – considerados por Gulløv e Olwig (2003) espaços de resistência, apesar da tentativa de impedimento e da noção de inadequação de tal apropriação (espaços *das* crianças); e a circulação de crianças entre os espaços. Reiterando, essa circulação é, muitas vezes, vista como inadequada e as cidades não são concebidas de maneira que facilite ou estimule tal prática, mas, por outro lado, exerce grande atração nas crianças e é compreendida como direito.

Esse conjunto de espaços analisados é que foi denominado de “espaços *com* crianças” para além de espaços infantis, espaços para crianças e de crianças, ou seja, simplesmente espaços onde ocorre a presença ou circulação de crianças. Além disso, esse termo, neste estudo, refere-se à participação das crianças tanto nos processos de produção dos espaços das cidades como de sua participação nesta pesquisa. Ao adotar tal recorte, estabeleço como foco as relações e a copresença de atores no espaço urbano, em contraponto à ideia de espaços especializados.

Adotou-se como procedimento metodológico, o movimento a pé pelas ruas, uma circulação pelos lugares, uma experimento e mudança de perspectiva. Um confronto entre a posição social do pesquisador – adulto e arquiteto – e a dos sujeitos – pobres e ricos, adultos, jovens, meninos e meninas, os usuários dos arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia. Ao pesquisar a copresença, a sociabilidade e o encontro desses sujeitos em ambiente urbano contemporâneo, a opção foi a alternância de posições – entre o arquiteto planejador e o etnógrafo –, de lugares, de perspectivas e, sobretudo, o movimento de circulação entre um mundo e outro, uma circulação pela fronteira.

Cabe ressaltar que foi adotada como procedimento metodológico da observação participante, a interação direta com os usuários no espaço, mediada pela percepção que tinham uns dos outros e sem a mediação de qualquer instituição ou de pessoa previamente

conhecida pelo pesquisador. Em ambiente tido como hostil, característica atribuída de antemão a espaços públicos, buscou-se experimentar se a interação poderia acontecer, de que forma, em quais locais e ainda as zonas de fronteira, as interdições, barreiras e conflitos, ou seja, foi necessário encontrar uma *brecha*, um espaço de interstício, uma abertura.

Nesse sentido, o pesquisador se expõe como transeunte, tentando calcular e correndo os riscos próprios da atitude de estar em público, sem proteção prévia. Ao se deslocar a pé pelo campo e se posicionando distintamente, aos poucos encontrou formas de conhecê-lo, mediante a interação possível com pessoas nesse ambiente específico com algumas das características próprias dessa experiência no mundo individualizado.

Importa reiterar o quanto andar desafia o medo da cidade e as gestões políticas desse medo, impondo, *passo a passo*, o direito de transgredir fronteiras sociais e simbólicas, acabando com as cidades interditas, os bairros do estigma, as separações 'naturais', 'puras' e 'fixas', as abstrações do outro como excluído e marginal, a descoincidência, tantas vezes demonstrada, entre a (in)segurança subjectiva e a (in)segurança objectivamente medida. Aliás, é pela transgressão de fronteiras e pelo *mover-se na fronteira* que as legitimidades dominantes vão sendo, a diversos níveis, questionadas (Lopes, 2008, p. 78, grifos do autor).

Inspirado em Certeau (2001), para quem o ato simples de andar pela cidade pode revelar sentidos e apropriações atribuídos ao espaço para além da ordem dominante, Lopes (2005, p. 72, grifos do autor) evoca a *metodologia andante*:

[...] na medida em que enquadra a experiência andante numa recusa da divisão cartesiana entre mente e corpo, razão e emoção. Acrescentaria: entre o pólo masculino e o pólo feminino. Na verdade, andar implica movimento - e movimento implica pensamento, ainda que seja apenas esse pensamento prático, corporal, prereflexivo, essa espécie de inteligência do corpo de que nos fala Bourdieu. Mas andar pode também convocar o pensamento reflexivo, aquele que *pisa e repisa sobre os passos dados*. Um e outro embrenham-se em emoções, ligando o visível (a indiscutível materialidade do espaço urbano, a sua presença física, abrindo e fechando possibilidades, oferecendo barreiras às apropriações, necessariamente finitas e enquadradas) ao invisível (memórias, sentimentos, sentidos), abrindo e construindo cenários interiores a partir de cenários exteriores, de tal forma que o que se cria é um ambiente de síntese inteiramente novo, autênticas *topografias sentimentais* ou *poéticas práticas do espaço*.

Ingold (2000) considera que o conhecimento sobre o ambiente sofre formação contínua durante o movimento das pessoas pelo mesmo. Conhece-se *enquanto* caminha-se:

“Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares existem não no espaço, mas, como nós, em uma matriz de movimento” (Ingold, 2000, p. 219).

Segundo o autor (2000, p. 220),

enquanto seria errado, ou pelo menos enganoso, comparar o conhecimento do nativo a um mapa, há certo paralelo que pode ser traçado entre os processos de conhecer e de mapear. Ambos são atividades situadas no ambiente, ambos são realizados ao longo de trilhas de circulação, e ambos se desenvolvem ao longo do tempo.

Para o autor, “existe um paradoxo no coração da cartografia moderna. Quanto mais ela procura prover uma representação exata e abrangente da realidade, menos verdadeira esta representação parece” (Ingold, 2000, p. 242). Nessa perspectiva, aponta a lacuna presente na representação gráfica do espaço por meio de mapas, pois afirma que toda a jornada realizada por cartógrafos e demais cientistas não aparece nos mapas “modernocientíficos”. Apoiando-se nas afirmações de Turnbull, afirma que, ao contrário, “uma das características impressionantes do mapa moderno é a eliminação, ou rasura, das práticas e itinerários que contribuem para sua produção” e considera um mito “a idéia de que os mapas não dependem de nenhum ponto de vista”, (1996 *apud* Ingold, 2000, p. 229).

Enquanto a cartografia moderna se preocupa em estabelecer credenciais científicas mediante sua pretensão de produzir representações exatas e objetivas do mundo, Ingold prefere a ideia de que conhecemos o ambiente enquanto caminhamos e que o viajante que conhece enquanto caminha não está elaborando um mapa nem utilizando um. Simplesmente ele está *mapeando*. Assume, assim, a ideia de “cartografia de processo” de Rundstrom (1993, *apud* Ingold 2000, p. 231), no qual mapear é visto como “aberto, contínuo, sempre levando ao próximo instante do mapear, ao próximo mapa”.

Para o autor, ainda, o conhecimento sobre o ambiente sofre formação contínua durante o movimento das pessoas. Ao adotar a ideia de mapear como uma narração verbal de jornadas efetuadas ao longo do tempo, Ingold (2000, p. 231) afirma que *elaborar mapas* não é *mapear*. Aquele que conhece enquanto caminha não está elaborando nem utilizando mapas, está “simplesmente mapeando”. Ao desconsiderar o movimento dos habitantes no mapa moderno, é deixado de lado todo o movimento e práticas das pessoas, ou seja, parece ao final que nada acontece nesses espaços.

Neste sentido, os *mapas etno-gráficos* utilizados como escrita nesta tese são distintos dos mapas utilizados na cartografia tradicional, por se referirem aos sujeitos (*etno*) e por não serem consideradas figuras estáticas, acabadas, mas, sim, por apresentarem o processo em andamento e as ferramentas utilizadas. Provavelmente os cartógrafos e geógrafos diriam que não são mapas, mas simples figuras, ou croquis.

À procura de brechas

Ao circular pelos arredores da Barragem, era necessário encontrar uma *brecha* onde a pesquisa fosse possível, uma possibilidade de estar em campo, um espaço-tempo livre de obstruções - a violência e a prioridade dada ao trânsito de automóveis em detrimento da circulação das pessoas; a normatização e privatização dos usos dos espaços livres públicos; o desespero e a revolta dos pobres caracterizadas pela luta pela sobrevivência, que resultam numa tensa relação de disputa por um lugar na cidade; e diante da ameaça real que a violência urbana impõe. Situação desigual de uma guerra em que os pobres são as maiores vítimas, é importante lembrar que a violência urbana não se restringe aos países desiguais como o Brasil, mas o fenômeno aqui tem suas especificidades.

Em outras palavras, uma pesquisa na fronteira exige enfrentar o fenômeno da violência urbana e do medo. Exige, ainda, uma recusa à interdição e à própria fronteira: Existe? Como? Onde? Por quê? O medo e a violência, mecanismos de luta e de disputa na e pela cidade, permeavam os modos como a interação nesse contexto específico se construía. Em outras palavras, a prepotência e a ameaça faziam parte do jogo de busca por brechas nesses espaços da cidade.

Ao considerar a presença e usos dos espaços pelas crianças como foco da análise, foi ainda necessário encontrar uma brecha possível para estudá-las, pois buscava-se uma interação direta e, no caso das crianças, a dificuldade de estabelecer contato tem suas especificidades. Tal presença se distinguiu de acordo com a inserção social dos grupos estudados e refletia nos modos como viam o pesquisador, o recebiam ou não em campo. Nos extremos, enquanto algumas crianças dos bairros experimentavam o controle excessivo ao confinamento, ou seja, eram quase ausentes na *cena*, algumas, da Barragem, experimentavam a vulnerabilidade e a violência e eram muito presentes no local da pesquisa. No entanto, apesar das formas de controle e de imposição de modos de vida, ambos os grupos de crianças encontravam suas brechas e alteravam, de forma própria, o ambiente e as relações entre distintos grupos e suas relações com o ambiente.

E ainda mais forte e importante para a pesquisa: apesar da situação de adversidades, da falta de proteção e da necessidade de enfrentamento de diversos obstáculos para estar neste ambiente, como dito, ambíguo, violento e descontraído, algumas crianças do Morro criavam suas formas próprias de estar no local e circulam com muito mais desenvoltura no ambiente do que o pesquisador. Não só não tinham medo, não eram

assaltadas, como extraíam dessas condições, das oportunidades de interação com o outro, suas formas próprias de (sobre)viver. Por meio dessas habilidades adquiridas na prática e no cotidiano nesse contexto da pesquisa, eles participavam como atores na produção de seus lugares. Se por um lado experimentavam a violência urbana na carne e de pé no chão, aprendiam a circular pelos espaços, a brincar entre pares, a fazer amigos nos espaços públicos e com jogo de cintura “se viravam” e (sobre)viviam, ou seja, encontravam as próprias brechas.

Cenas e cenário

Mediante incursões nos arredores do Parque foi traçado um cenário de fluxos das crianças e, aos poucos, aproximou-se das dinâmicas da presença e dos usos dos espaços. Nesse sentido, o deslocamento no espaço em busca das crianças foi revelador e foi possível se deter em alguns locais para um adensamento mais pontual, ainda que no movimento.

Em todo o período da observação, foi mantido um diário de campo no qual o pesquisador anotava as *cenar*s que presenciava, principalmente aquelas *com* crianças. Goffman (1959) utiliza a metáfora da representação teatral para definir a forma como o indivíduo se apresenta aos outros em público e como essa representação do *self* regula e é regulada pelas interações sociais face a face. Inspirado nas suas analogias das interações humanas com a dramaturgia, *cena*, neste estudo, refere-se a um tempo-espaço em que uma atividade ocorre, cujo cenário é o espaço urbano público aberto e que o pesquisador imprime atenção especial na interação das pessoas. O foco aponta e dá destaque aos meninos e meninas entre 8 e 12 anos aproximadamente, no entanto este foco não coloca os outros atores na “sombra”.

A *cena* foi, neste estudo, a unidade de análise utilizada para a organização e o registro da observação de campo na Barragem e foi associada a um local e um momento específico do dia, a presença de crianças, o tipo de atividade, a presença ou não de brinquedos, equipamentos e demais elementos do ambiente. Foram associadas categorias temáticas, discursos dos sujeitos e categorias teóricas a esses elementos presentes nas cenas. As crianças presentes nas cenas foram classificadas por gênero, faixa etária, local de moradia (bairros, morro ou não moradoras dos arredores) e segundo a presença ou não de acompanhantes (segundo o gênero, a faixa etária, moradoras dos bairros, das favelas ou não moradoras dos arredores), se estavam no espaço entre pares (classificados por gênero e local de moradia) ou se estavam a sós.

Em busca da espacialização da etnografia, o diário foi transcrito, as cenas numeradas, categorias e aspectos relevantes destacados e os dados foram organizados em planilhas (Fig. 2 e 3). Além da busca por categorias locais e aspectos recorrentes, essa opção por organização dos dados teve como objetivo a utilização das informações em programa de geoprocessamento, o Sistema Geográfico de Informações (*Gis - Geographic Information System*).

MAIO 2009 20 cenas							
nnúme roda cena	data	turno	local	peçoas	acompa nhante	tipo de atividade	brinquedo brincadeira
1_2	1/5/2009	fer_man	bento simao	adu_h_bai	pares	ativ fisica	
1_2	1/5/2009	fer_man	bento simao	criP_h_bai	adu_m_bai	lazer - passeio	carrinho
1_3	1/5/2009	fer_man	coco	cri_hm_bai	adu_m_bai	lazer	velocipede, desenho no piso
1_3	1/5/2009	fer_man	coco	criP_hm_fav	jov_m_fav	circulacao	
1_4	1/5/2009	fer_man	pracinha	cri_hm_fav	pares	circulacao ludica	bicicleta
1_4	1/5/2009	fer_man	pracinha	cri_hm_fav	pares	recreacao	desenho no piso
1_4	1/5/2009	fer_man	pracinha	cri_hm_fav	pesquisador	recreacao	escrita no meu caderno
1_5	1/5/2009	fer_man	pista	adu_h_bai		caminhada	
1_6	1/5/2009	fer_man	rua	adu_hm_fav	só	lavar vender carro	

Figura 02 – Parte da planilha organizada pelo autor com base nas anotações em cadernos de campo.

Cena: Tempo-espaço em que ocorre a presença de pessoas. Representadas na planilha por meio das diferentes cores.

Turno: Período do dia em que ocorre a cena: uti (dia útil); fim (fim de semana); fer (feriado); man (manhã), tar (tarde), noi (noite).

Local: Onde acontece a cena. Esse território é definido pelo(s) elemento(s) que o caracterizam e que se relacionam com a ocorrência de certo(s) uso(s), ou seja, uma característica do ambiente, equipamento ou um mobiliário urbano intimamente ligado à ação e ao(s) uso(s) de tal espaço.

Pessoas: Os dados levantados levaram em conta a faixa etária, gênero, moradia e foram abreviados na planilha da seguinte maneira:

Faixa etária	Abreviatura
Criança (entre 7 e 12 anos aproximadamente)	cri
Criança pequena (até aproximadamente 5-6 anos)	criP
Jovem	jov
Adulto	adu
Idoso	ido
Gênero	
Masculina	h
Feminino	m
Moradia	
Morro	fav
Bairro	bai
Trabalhadores não moradores dos arredores	tra

Acompanhantes: subcategoria associada às crianças que qualifica a presença delas no espaço, segundo a presença ou não de outra pessoa acompanhando-as. A categorização dos acompanhantes leva em conta a inserção geracional, gênero, moradia e foram abreviados na planilha da mesma maneira descrita acima. Quando eram da mesma faixa etária e moradia, foram considerados “pares”. Foram observadas crianças: sozinhas, entre pares, acompanhadas de jovem(ns), de adulto(s), de idoso(s) e da família.

Dados complementares receberam colunas específicas na planilha: tipo de atividade; brinquedo ou brincadeira presente na cena; equipamento, mobiliário ou característica do espaço que interfere na cena; aspectos relevantes ou destaques; categoria temática; discurso local se refere à fala dos sujeitos; e fontes, que indica ou não se foram produzidos outros tipos de informação, tais como fotos, desenhos ou entrevistas.

Figura 03 - Definições para as colunas da planilha.

Foram duas fases de observação participante no campo. Os dados apresentados se referem à primeira fase da observação em que foram realizadas incursões em distintos dias da semana, horários e espaços, com o objetivo de identificar a presença de crianças, a circulação e os usos dos espaços por elas. A recorrência de certas presenças e situações acionou interlocuções aproximadas com algumas crianças, que foram acompanhadas em suas brincadeiras, conversas, no deslocamento, etc.

Nessa primeira fase de observação, foram 88 dias de campo descritos em diário. Além da circulação pelos arredores da Barragem Santa Lúcia, adotou-se os seguintes procedimentos para coleta de dados: três visitas ao Morro do Papagaio; circulação pelas padarias e outros estabelecimentos comerciais, academias de ginástica; conversas com diversos usuários desses espaços; coleta de informações e *folders* a respeito do funcionamento dos prestadores de serviços; observação em torno de algumas das escolas particulares dos bairros Santa Lúcia e São Bento; exploração da presença e usos das crianças no Parque JK, espaço público em Belo Horizonte que também se localiza numa “fronteira”.

No total, foram registradas 266 cenas, por meio das quais foi possível estabelecer interação sem mediação de pessoas adultas com 11 crianças entre 6 e 11 anos (4 meninas e 7 meninos), todas moradoras do Morro, com as quais foram realizadas 12 seções de fotos e 2 filmes curtos. Além disso, foram realizadas 16 entrevistas informais.

Manchas e linhas: o pedaço *com* crianças na Barragem Santa Lúcia

As figuras apresentadas a seguir resultam do geoprocessamento das cenas *com* crianças organizadas em planilhas e lançadas no programa *ArcGis* sobre foto de satélite extraída do *Google Earth*.

É possível observar na FIG. 04 que a presença de crianças na Barragem Santa Lúcia se relacionava com a pertença a determinado grupo social. Os mapas apresentados diferem pelos filtros aplicados às planilhas que geraram o geoprocessamento e variaram de acordo com o local de moradia. Com base no geoprocessamento das cenas foi utilizado o *Kernel* – comando do programa *ArcGis* que analisa os dados e representa, por meio de manchas, as densidades de determinados fenômenos. Em seguida, a palheta de cores foi editada para que o nível mínimo de densidade ficasse ainda visível. Como resultado, observam-se *manchas* que variam entre o vermelho e o azul, dependendo da quantidade de cenas observadas, neste caso, as cenas *com* crianças. Quanto menor o número de cenas observadas mais vermelho, quanto maior o número, mais azul fica a mancha. Em outras palavras as manchas nestes mapas representam graficamente os espaços nos arredores da

Barragem Santa Lúcia que as crianças usavam com mais recorrência. Portanto, o termo “mancha”, aqui, possui significado distinto do uso que faz Magnani (1984). Por outro lado, o conjunto de manchas representa, neste estudo, o “pedaço” com crianças na Barragem Santa Lúcia, como diria este autor.

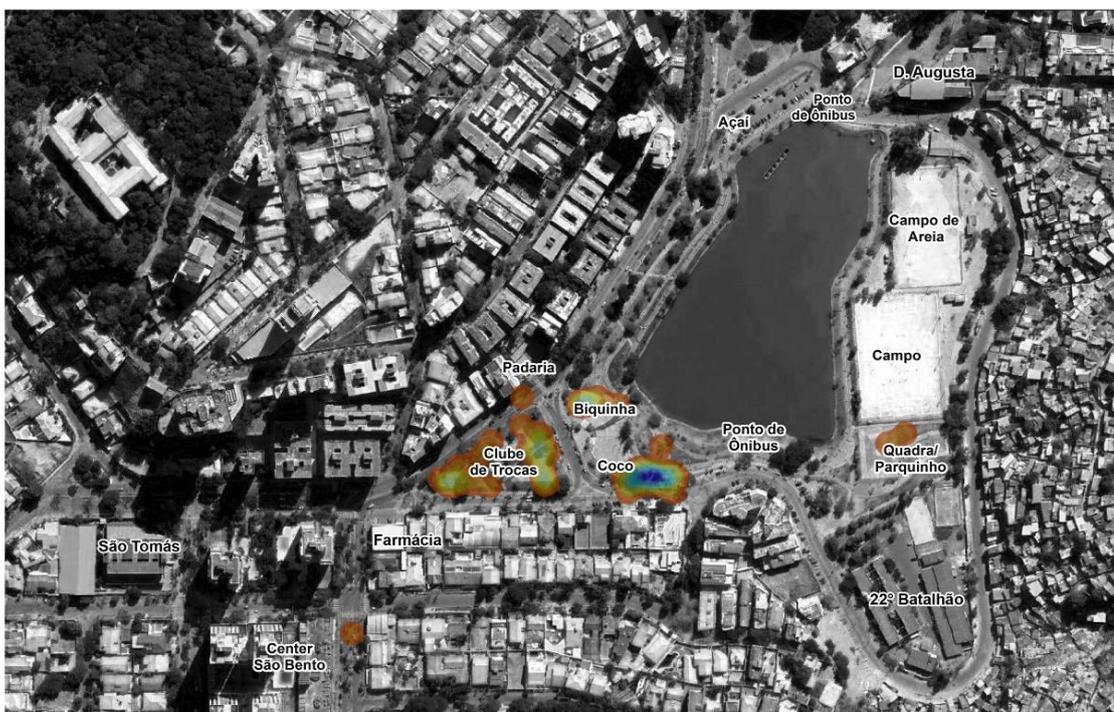
Na primeira análise comparativa do local de moradia (FIG. 04), foi possível concluir que a presença das crianças dos bairros nos espaços públicos dos arredores da Barragem Santa Lúcia era bem distinta da presença das crianças do Morro. Ao considerar que os tempos livres desses grupos pouco diferem, pois a permanência nos espaços escolares e os horários de entrada e saída das escolas são muito parecidos, foi possível considerar que os tempos de circulação e as oportunidades possíveis de usarem os espaços públicos coincidem. Além de um primeiro turno em escolas, tanto as crianças dos bairros quanto as do Morro participavam de atividades complementares no segundo turno, apesar de frequentarem espaços distintos. Enquanto as crianças do Morro permaneciam nas escolas em tempo integral ou participavam, no segundo turno, de diversos projetos ofertados por instituições religiosas, não governamentais e de assistência social, as dos bairros frequentavam escolas privadas de línguas, de dança, de futebol, academias ou clubes.

A presença de crianças na Barragem Santa Lúcia se distinguia de maneira clara e recorrente. Enquanto as crianças dos bairros foram observadas em ocasiões espaciotemporais específicas e invariavelmente acompanhadas por adultos, algumas moradoras do Morro foram observadas acompanhadas de adultos, principalmente nos finais de semana, outras foram observadas cotidianamente nos espaços, invariavelmente entre pares e desacompanhadas de jovens e adultos.

Apesar de vivenciarem de maneira muito semelhante a organização de seus tempos (visto que são definidos principalmente pelos tempos escolares) e da coabitação na região do Santa Lúcia, as crianças dos distintos grupos sociais pouco cruzam umas com as outras e, portanto, pouco se conhecem. Em outras palavras, como sujeitos de um único grupo geracional, mas que não participavam do mesmo grupo social, as crianças do Santa Lúcia experimentavam uma segregação do tipo intrageracional e interclasses.



Densidade de cenas com crianças moradoras do morro:



Densidade de cenas com todas as crianças dos bairros:



Figura 04 – Comparação da presença das crianças segundo local de moradia.
Realizada pelo autor com a colaboração de Lauro Fráguas.

Ao analisar a presença das crianças moradoras dos bairros segundo a faixa etária, observamos crianças maiores no Clube de Trocas (brincadeira com álbuns de figurinhas promovida pela banca de revistas), e as pequenas pelas manhãs entre o coco e a “biquinha”. No Clube de Trocas, os meninos eram mais presentes, visto o apelo da brincadeira a esse grupo e a atração que lhes causava. Nos finais de tarde, mas especialmente aos sábados pela manhã, iam até a “pracinha” de carro com os pais, se encontravam e interagiam com desconhecidos.

Apresento a seguir o mapa da circulação e presença de crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia (FIG. 05).

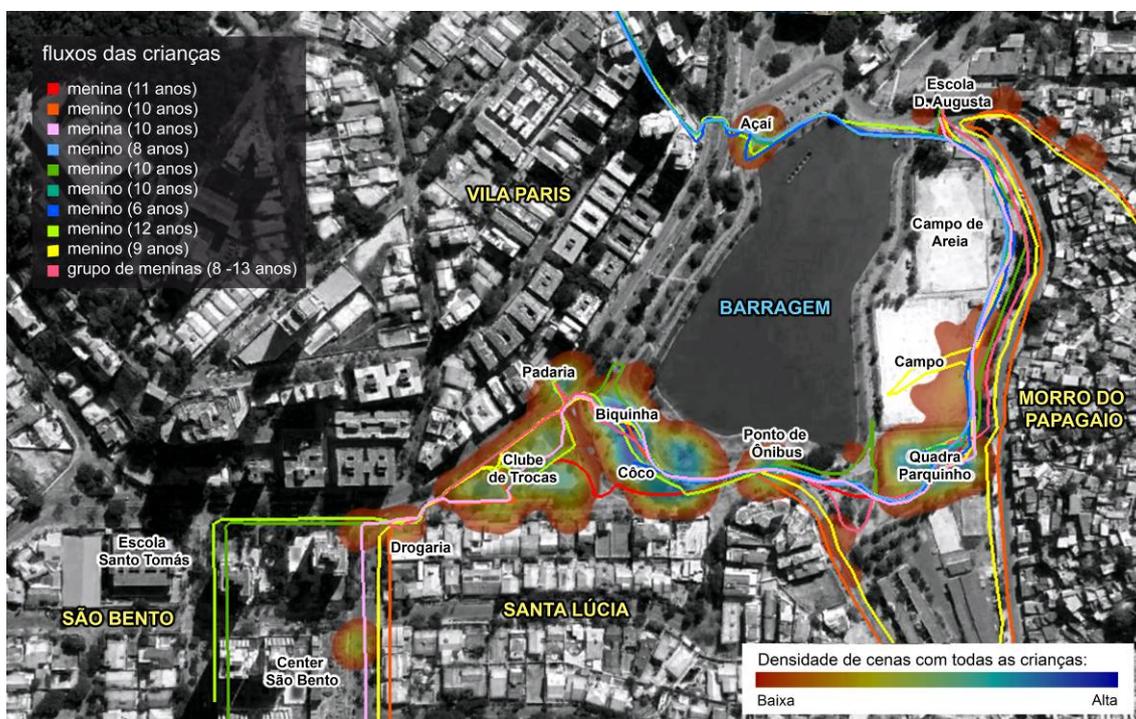


Figura 05 – Espaços com crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia. Realizada pelo autor com a colaboração de Lauro Fráguas e João Paulo Fontoura de Souza.

As linhas representam os fluxos do movimento de algumas crianças do Morro e foram realizados mediante a marcação das diversas cenas em que cada uma dessas crianças foi observada. Esse exercício de mapeamento revelou, portanto, os locais nos arredores frequentados por essas crianças e os caminhos que faziam entre um espaço e outro, principalmente a pé e de bicicleta. Ressalte-se que a moradia dessas crianças, todas localizadas no Morro do Papagaio, não foram representadas nestas figuras, para não identificá-las.

Ao representar a circulação das crianças pelos espaços como linhas, foi representado – inspirado em Ingold (2011) – o movimento que realizavam ao longo do tempo e o entrelaçado de suas jornadas de vida. Ao se referir ao emaranhado tecido pelas linhas de movimento das pessoas, animais, plantas e coisas, Ingold (2011) contesta a ideia de ligação entre pontos que o conceito moderno de transporte urbano adota e, portanto, questiona a metáfora das redes (*networks*) que essas linhas formariam. Nesse sentido, prefere e toma emprestado o termo *meshwork*, de Lefebvre (1991 [1974], p. 117-118).

Ao sobrepor as linhas de circulação das crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia aos dados sobre a densidade de cenas *com* crianças, foi representado – a título de síntese da observação da presença e da circulação das crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia – o *mapa etno-gráfico* acima (FIG. 05): os espaços *com* crianças nos arredores da Barragem Santa Lúcia.

Considerações Finais

Com base no conjunto de dados produzidos para esta pesquisa, foi possível considerar que a infância toma expressão nos espaços da cidade – apesar da percepção de sua inadequação – e que, portanto, requer atenção específica dos estudiosos e planejadores. Essa perspectiva, ao imprimir atenção às especificidades dos sujeitos e não somente das questões macroestruturais (economia, transporte, segurança, etc.), pode constituir uma inversão na lógica do planejamento dos espaços.

Os *mapas etno-gráficos* apresentados são apenas algumas das possibilidades de aplicação de filtros às planilhas e seus resultados na representação gráfica em termos de densidade de *cenar* observadas. Ao desenvolver instrumentos de leitura e de escrita gráfica do mundo urbano nesta pesquisa, tentou-se contribuir para a exploração das possibilidades e potencialidades que esse tipo de instrumento – ao focar nos usos que as pessoas fazem destes espaços – pode revelar.

Os resultados demonstram o potencial da ferramenta do geoprocessoamento, associada à interface com programas do tipo *Google Earth* em processos de planejamento espacial e em uma *etno-grafia*. Outras possibilidades de cruzamento de dados e análise foram experimentadas na tese e outras ainda podem ser experimentadas a partir desse processo. Foi possível considerar ainda que essa metodologia pode ser experimentada por distintos

atores e pesquisadores de diversos campos, até mesmo em outros contextos e recortes espaciotemporais distintos do adotado.

Cabe ressaltar o papel que um estudo etnográfico tem e sua potencial contribuição em processos de intervenção espacial. O momento de alcançar o sujeito mediante um processo atento exige um tempo longo, um tempo que o planejamento muitas vezes não tem, caracterizado pela “pressa de intervir”, resultando em experiências malsucedidas. Uma aproximação dos sujeitos através de uma etnografia, pode dar visibilidade a certos aspectos das relações socioespaciais que só uma inserção profunda e longa no campo e a observação participante são capazes de revelar.

Portanto, ao propor uma intervenção física espacial mediante uma aproximação etnográfica prévia, corre-se menos riscos de se tomar atitudes apressadas, sem o “conhecimento de causa” necessário. Em outras palavras, o aparato conceitual e instrumental da antropologia e de seus procedimentos etnográficos, assim como vem acontecendo em diversos campos, pode contribuir muito com a arquitetura e com o planejamento urbano em processos de intervenção espacial.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, M. 1994 [1990]. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- COHN, C. 2005. *A antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERRO, S. 1979. *O canteiro e o desenho*. São Paulo: Projeto Editores Associados.
- GOFFMAN, E. 1959. *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Anchor Books.
- GULLØV, K. F. & OLWIG, E (ed.). 2003. *Children's Places: cross-cultural perspectives*. Londres: Routledge.
- INGOLD, T. 2000. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- INGOLD, T. 2011. *Being alive*. Routledge: Oxon.
- LEFEBVRE, H. 2009 [1968]. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- LEFEBVRE, H. 1991 [1974]. *The production of space*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- LOPES, J. T. 2007/2008. Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Sociologia*, n. 17/18, p. 69-80.

MAGNANI, J. G. C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29.

MAGNANI, J. G. C. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense.

MAGNANI, J. G. C. 2000. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: _____; TORRES, L. L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP.

PARGA, J. S. 2004. *Orfandades infantiles y adolescentes: introducción a uma sociologia de la infância*. Quito: Abya-Yala.

SENNETT, R. 1988 [1974]. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, R. C. 2011. *Circulando com os meninos: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.